

MARIA MARGARIDA M. J. DE CARVALHO

ESTUDOS DE PSICOLOGIA DIFERENCIAL

1. AS NOÇÕES DE IDADE MENTAL E ETAPA MENTAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA AVALIAÇÃO DA DEBILIDADE MENTAL.
2. O DESENHO DA FIGURA HUMANA COMO MEDIDA DE INTELIGÊNCIA E DIAGNÓSTICO DE PERSONALIDADE EM DÉBEIS MENTAIS.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: — Prof. Dr. Antonio Barros de Ulhoa Cintra

Vice-Reitor: — Prof. Dr. Francisco João Humberto Maffei

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Director: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri

Vice-Diretor: Prof. Dr. Candido Lima da Silva Dias

Secretário-substituto: Lic. Eduardo Marques da Silva Ayrosa

CADEIRA DE PSICOLOGIA

Prof. Dra. Annita de Castilho e Marcondes Cabral

Assistentes: Lic. Walter Hugo de Andrade Cunha

Lic. Maria Margarida M. J. de Carvalho

Tôda correspondência relativa ao presente Boletim e às publi- cações em permuta deverão ser dirigidas à	All correspondence relating to the present Bulletin as well as exchange publications should be addressed to
--	--

CADEIRA DE PSICOLOGIA

Faculdade de Filosofia - Caixa Postal 8 105 - S. Paulo - Brasil

MARIA MARGARIDA M. J. DE CARVALHO

ESTUDOS DE PSICOLOGIA DIFERENCIAL

1. AS NOÇÕES DE IDADE MENTAL E ETAPA MENTAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA AVALIAÇÃO DA DEBILIDADE MENTAL.
2. O DESENHO DA FIGURA HUMANA COMO MEDIDA DE INTELIGÊNCIA E DIAGNÓSTICO DE PERSONALIDADE EM DÉBEIS MENTAIS.



COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

1961

Agradecemos a colaboração do diretor da Secção de Higiene Mental do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação, dr. Joy Arruda, dos professores Nagib Feres e José Severo de C. Pereira na parte estatística e das alunas Teda Ferreira e Berenice P. Lobo, na colheita dos dados.

Agradecemos especialmente ao professor Walter H. de Andrade Cunha por haver servido como juiz na avaliação da personalidade e à professora Annita de Castilho e Marcondes Cabral pelo constante incentivo e decisivo apoio.

APRESENTAÇÃO

Iniciamos com o presente Boletim a publicação de estudos de Psicologia Diferencial realizados pela assistente Maria Margarida M. J. de Carvalho, que se vem ocupando especialmente com os problemas de debilidade mental.

A crescente urbanização da população paulista vem, não só pondo em evidência a dificuldade de ajustamento dos débeis mentais às condições de vida mais complexas e ao “tempo” mais acelerado das grandes cidades, como requerendo no aparelhamento educacional público e particular a instituição de classes e escolas especiais para os deficientes de inteligência.

O esforço psicopedagógico empreendido repousa, geralmente, porém, em escassa formação científica e técnica. A improvisação, o empirismo reinantes — que não excluem maior ou menor dose de abnegação — são um índice de que aqui, como em outros casos no setor dos estudos psicológicos a Universidade se tem mantido alheia às necessidades do meio social. Porém sua vez, àqueles que vêm exercendo a psicopedagogia da debilidade mental, também, via de regra, se fecham sobre as necessidades imediatas de suas tarefas, deslembados de uma possível contribuição universitária.

*
* * *

Os dois pequenos estudos de Maria Margarida de Carvalho, que ora apresentamos, têm o caráter de uma busca de contacto com o problema dos débeis mentais no meio social circundante, ao mesmo tempo que se propõem o exame dos instrumentos de diagnóstico da debilidade. Estes e outros trabalhos que a Autora tem em preparação parecem indicar que a psicologia da debilidade mental encontrou, finalmente, em nosso meio, um pesquisador persistente e capaz.

Annita de Castilho e Marcondes Cabral
Dezembro, 1960.

UM ESTUDO DAS NOÇÕES DE IDADE MENTAL E ETAPA MENTAL E SUAS CONSEQÜÊNCIAS NA AVALIAÇÃO DA DEBILIDADE MENTAL.

Teòricamente, Debilidade Mental é uma anormalidade da inteligência; é, segundo Tredgold, (1, págs. 1 a 9) um estado de menor potencialidade do desenvolvimento cerebral ou de detenção do mesmo, em virtude do qual uma vez chegado ao estado adulto, o débil não consegue se adaptar às exigências da comunidade e se manter independentemente de tóda ajuda ou proteção externa. Anastasi (2) insiste na deficiência intelectual e não emocional, mas deficiência que não se refere a qualquer habilidade indiscriminadamente e sim, apenas àquelas “que provaram ser essenciais para a sobrevivência no nosso meio cultural” (2, pág. 545). Assim, deficiências em habilidades artísticas ou mecânicas, por exemplo, não seriam condições suficientes para se diagnosticar debilidade mental. R. Pintner (3, pág. 1016) chama a atenção para o caráter duplo das definições — psicológico e sociológico — mostrando a necessidade de se esclarecer que há “uma correlação elevada, mas não perfeita” entre ambos pois pessoas de nível intelectual elevado podem mostrar desadaptação social (por conflitos emocionais) e pessoas de baixo nível intelectual, boa adaptação. Os débeis mentais seriam aqueles cuja incompetência social seria devida ao nível intelectual insuficiente para tal realização. Se considerarmos a inteligência em graus, do mais baixo ao mais alto grau, teremos a Debilidade Mental situada entre a Idiotia e a Imbecilidade (graus inferiores) e o grau considerado normal.

Para avaliarmos a Debilidade Mental temos, conseqüentemente que encarar o problema da avaliação da inteligência. Se queremos um critério objetivo e uma medida exata para um diagnóstico de valor científico, temos primeiro que esclarecer o próprio conceito para depois opinar sôbre os fenômenos em “hipo” ou em “para”.

Ora, a inteligência é conhecida apenas indiretamente, nas suas manifestações, suas conseqüências ou, segundo B. Szekely (4, pág. 6), “na sua atuação”. Ela é uma variável interveniente entre variáveis independentes e dependentes. A observação in-

direta nos explica que diversos psicólogos, através das mesmas manifestações, possam apresentar diferentes interpretações daquilo que é inteligência, seja sob a forma de definições de inteligência, seja sob a forma longitudinal de concepções do desenvolvimento mental, aparecendo uma ou outra ou ambas, segundo a necessidade do estudo em questão. Estas interpretações não encontraram uma concordância até o momento atual da Psicologia, a qual, está neste setor, dividida em grupos norteados por diferentes hipóteses de trabalho. E como cada interpretação condiciona uma maneira objetiva de investigação, ou seja, o tipo de medida empregada no conhecimento e avaliação do fenômeno é dependente do tipo de hipótese, temos também diversidade entre os métodos de pesquisa.

Frank Freeman (5, pág. 68), reúne as inúmeras definições surgidas, em três grupos:

1.º) Definições que dão ênfase ao ajustamento ou adaptação do indivíduo ao meio.

2.º) Definições que dão importância à capacidade para aprender.

3.º) Definições que põem ênfase na capacidade de pensamento abstrato.

De maneira geral e ampla, a teoria de Binet estaria, segundo Freeman, incluída no terceiro grupo, enquanto que a de Piaget (seguida por Barbel Inhelder) cremos nós, poderia ser localizada no primeiro grupo. Ainda segundo Freeman, os três diferentes tipos não se excluem mutuamente, pois as mesmas capacidades são requeridas e implicitamente incluídas em todos.

Quantos às concepções ou interpretações do desenvolvimento mental normal, temos uma classificação também em três grandes grupos, de Barbel Inhelder (6):

1.º) "O desenvolvimento mental é concebido como uma simples adição progressiva de resultados adquiridos" (6, pág. 12) sem formular hipóteses sobre o mecanismo dessa aquisição. Esta concepção supõe a existência de uma estrutura mental pronta ou estabelecida, sendo que apenas o conteúdo é que é adquirido progressivamente pela educação (experiências pessoais e sociais). No seu estado puro esta teoria já não tem representantes; todos os psicólogos admitem no desenvolvimento mental, as manifestações de uma construção, a qual é mais do que uma simples soma de aquisições. E' o caso por exemplo, de Binet, que estudando o desenvolvimento mental apenas nos seus efeitos não nega a transformação das estruturas mentais, ocupando-se somente com os estudos empíricos dos rendimentos, segundo as diferentes idades.

... Duas correntes inspiraram-se em Binet: a) A dos que se preocupam com os níveis particulares e globais e sua relação com a idade cronológica. Ex., Stern, Decroly, etc.; b) A dos que tentam traçar um perfil analítico do desenvolvimento mental (aptidões). Ex. Claparède, Gesell, Ch. Buhler, etc.

2.º) “O desenvolvimento mental é concebido como a expressão de uma sucessão linear e cumulativa de estruturas” (6, pág. 14). As aquisições seriam determinadas pela estrutura mental do sujeito, em determinado nível. Cada estrutura proveniente de um mecanismo novo caracteriza um estado ou período natural. Este tipo de teoria não explica a transformação de um nível a outro. Como exemplos, temos os tipos sucessivos de pensamento descritos por Janet e os sistemas de integração cortical de Wallon. O diagnóstico baseado nessa concepção consiste em determinar clinicamente o estado correspondente às perturbações ou às insuficiências de interação.

3.º) “O desenvolvimento mental é concebido como uma organização progressiva de um mecanismo operatório” (6, pág. 14). Os mecanismos novos não se superpõem aos antigos, mas procedem de uma construção interna comum e aparecem como sendo as formas de sucessivos equilíbrios de uma mesma organização. Esta interpretação admite como a segunda interpretação, a existência de estados caracterizados por estruturas mentais qualitativamente diferentes, mas adiciona a hipótese de uma lei de construção ligando os estados uns aos outros por um mesmo mecanismo operatório. Não há estados gerais, mas para cada função encontram-se estados lineares. De uma função a outra, a existência de “desníveis” (décalages) revela um princípio evolutivo e manifestações distintas e sucessivas das quais pretende-se compreender a ordem de integração. O diagnóstico conseqüente consiste, no domínio do pensamento, na compreensão dos mecanismos do pensamento e as operações sucessivas que os constituem.

No primeiro e terceiro tipo de concepções do desenvolvimento mental normal (os dois de imediato interesse neste trabalho), temos uma divisão teórica em níveis de desenvolvimento, níveis estes que na prática, ou seja, na experimentação das hipóteses, vão valer por unidades de medida. Ambos tentam localizar ou classificar cada sujeito em um determinado nível mental, o qual poderá ser encontrado inferior (no caso do débil mental), igual (sujeitos normais) ou superior (inteligência acima da normal) ao nível esperado no desenvolvimento considerado normal para determinada idade cronológica. Estas

diferentes concepções de níveis — idade mental e etapa mental (primeiro e terceiro tipos respectivamente) — a primeira exemplificada aqui no trabalho de Binet e Simon (7) e a segunda, no trabalho experimental de Barbel Inhelder (o qual tem por base a teoria de Jean Piaget (8)), consideradas como unidades de medida na avaliação do grau de desenvolvimento mental, serão relatadas, resumidamente, a seguir.

* * *

A noção do desenvolvimento mental dividido em idades mentais sucessivas, correspondentes ou não às idades cronológicas surgiu com Binet e seu colaborador Simon, no decorrer de seus estudos em crianças intelectualmente inferiores. Binet buscava então, uma maneira precisa e objetiva de avaliar e classificar os estados inferiores da inteligência. Ainda que desde 1896 o problema já o preocupe e já se vislumbrem considerações no sentido posterior de seus trabalhos, apenas em 1905 em um artigo da revista "L'Année Psychologique" intitulado "Novos métodos para o diagnóstico do nível intelectual dos anormais" é que encontramos as diretrizes das suas idéias.

Para Binet, a inteligência é essencialmente a capacidade de "bem julgar, bem compreender e bem raciocinar" (7C, pág. 197). Há na inteligência, diz êle, um órgão fundamental, onde um defeito ou alteração são de suprema importância na vida prática: é "o julgamento, isto é, o bom senso, o senso prático, a iniciativa, a faculdade de se adaptar". Uma pessoa "pode ser considerada débil ou imbecil se lhe falta a faculdade de bem julgar; com um bom julgamento, ela não o será jamais". Ainda que a sensação e a percepção sejam consideradas "manifestações intelectuais enquanto raciocínios, um exame direto destas será tempo perdido pois os órgãos dos sentidos em perfeito estado de funcionamento não querem dizer uma perfeita inteligência", donde a idéia de estudar os processos mentais mais complexos para atingi-la diretamente.

Sobre o que Binet chama de infeiroides de inteligência, encontramos, nas suas próprias palavras: "ignoramos a natureza exata dessa inferioridade e prudentemente recusamos hoje, sem mais provas, de a considerar semelhante a uma parada do desenvolvimento normal. Parece, realmente, que a inteligência desses seres sofreu uma certa parada mas não podemos concluir que esta parada, isto é, que a desproporção entre seu grau de inteligência e a sua idade cronológica seja a única característica de seu estado. Há, também, provavelmente, um desvio no desenvolvimento, uma perversão. Tal idiota de 15 anos, que

esteja ainda nas primeiras manifestações verbais de uma criança de 3 anos, não pode se assemelhar completamente a esta que é normal, sendo o idiota um retardado; existem portanto, entre êles, necessariamente diferenças aparentes ou dissimuladas. O estudo atento dos idiotas mostra que entre alguns dêles, enquanto certas faculdades são quase nulas, outras são mais desenvolvidas. Êstes sêres têm, portanto, aptidões: uns têm boa memória auditiva ou musical, outros disposições para o cálculo e para a mecânica. Se nós os examinarmos com cuidado encontraremos provavelmente, muitos exemplos destas aptidões parciais” (7C, pág. 192).

Mas, apesar de reconhecer estas diferentes aptidões em diversos estágios de desenvolvimento, Binet não se propõe a analisá-las no momento e sim a apreciar a inteligência em geral, o nível intelectual. Diz êle que “as reservas que fizemos acima sôbre a verdade da concepção de uma parada do desenvolvimento não nos impedem de encontrar grandes vantagens em fazer uma comparação metódica entre o inferior de inteligência e o normal” (7C, pág. 193). Para encontrar o nível do inferior intelectualmente, Binet vai compará-lo com o das crianças normais da mesma idade cronológica. Êste será o que êle chama de método psicológico, o qual deverá ser usado junto aos métodos pedagógicos e médicos.

Ainda nas suas palavras, “a idéia fundamental dêsse método é a de estabelecer o que nós chamaremos a Escala Métrica de Inteligência; esta escala é composta de uma série de provas de dificuldade crescente, partindo do nível intelectual o mais baixo que se possa observar e chegando ao nível de inteligência média ou normal; a cada prova corresponderá um nível intelectual diferente” (7C, pág. 194).

São trinta provas ou itens do mais fácil ao mais difícil gradativamente. Nestes itens êle visa “a inteligência natural e não a instrução, abstraindo tanto quanto possível o grau de instrução do sujeito. Êste deve mesmo ser considerado como um completo ignorante, que se suporá não saber ler nem escrever” (7C, pág. 196). Por esta razão, Binet não inclui itens de caráter verbal, literário ou escolar, acreditando que os itens escolhidos estejam livres de qualquer influência de conhecimentos adquiridos. Por outro lado, admitindo que em certo nível mental, equivalente ao de uma criança de menos de 2 anos, não possa ser testada a inteligência propriamente dita, inclui alguns itens de outra natureza (memória, coordenação, etc.) para êsses níveis.

Na sua totalidade, os itens visam o seguinte: 1.º) Coordenação visual; 2.º) Apreensão provocada por estímulo táctil; 3.º) Apreensão provocada visualmente; 4.º) Reconhecimento de comida; 5.º) Procura de comida com o impedimento de pequena dificuldade mecânica; 6.º) Execução de ordens simples e imitação de gestos simples; 7.º) Conhecimento de nomes de objetos; 8.º) Conhecimento de nomes de objetos em um quadro ou fotografia; 9.º) Nomear objetos designados em um quadro ou fotografia; 10.º) Comparação do comprimento de linhas; 11.º) Repetição de três séries de números imediatamente após ouvi-los; 12.º) Comparação de pesos; 13.º) Sugestibilidade; 14.º) Definições de objetos familiares; 15.º) Repetição de sentenças de quinze palavras; 16.º) Dar a diferença entre dois objetos comuns; 17.º) Memória de figuras de objetos familiares; 18.º) Desenho de memória de duas figuras geométricas; 19.º) Repetição de uma série de algarismos começando com uma série de três algarismos e indo até o limite do sujeito; 20.º) Dar a semelhança entre dois objetos comuns; 21.º) Comparação rápida do comprimento de linhas; 22.º) Discriminação e arranjos em ordem, de cinco pesos; 23.º) Memória de pesos (dificuldade maior); 24.º) Encontrar rimas para palavras; 25.º) Completar sentenças; 26.º) Formar uma sentença incluindo três palavras dadas; 27.º) Compreender e responder a vinte e cinco questões problemas; 28.º) Dizer as horas com os ponteiros do relógio trocados; 29.º) Desenhar linhas copiando-as de um papel recortado; 30.º) Dar definições e diferenças entre termos abstratos.

Mais tarde, em 1908, Binet fez uma revisão dessa escala modificando alguns itens e agrupando-os por níveis de idade. Grupos de quatro a cinco provas de dificuldade semelhante, representativos do desenvolvimento mental normal de uma criança em determinada idade eram apresentadas a uma criança dessa idade (Ex., cinco provas representando o estágio do desenvolvimento mental de 10 anos apresentadas a uma criança de idade cronológica de 10 anos). Se a criança vencida todas as provas, sua "idade mental" equivaleria à sua idade cronológica; se apenas resolvia as de uma idade anterior, sua idade mental estaria atrasada um ano em relação à cronológica e se vencida as provas de mais um ano que a sua idade, estaria adiantada em relação a ela.

Assim, sucessivamente, poderiam ser encontrados quantos anos de atraso ou adiantamento, dependendo de quantos níveis de idade mental fossem atingidos. Mas, segundo Binet, seja qual for a ordem em que se disponham as provas, nunca se

pode contar com uma única, a qual uma vez vencida, tôdas as precedentes, possam ser consideradas resolvidas e malogradas tôdas as demais. Sabemos que para distintos indivíduos provas iguais terão diferentes sentidos e diferentes graus de dificuldade. Sabemos ainda, que embora encontrado um nível mental significativo de determinado sujeito, algumas das suas aptidões poderão estar em um estágio abaixo ou acima dêste nível. Portanto propõe Binet, que esta lhe seja creditada, mas que sejam contadas também, em acréscimo, tôdas as demais provas que venham a ser vencidas. Por cada cinco provas será computado mais um ano de idade mental.

Estas escalas não medem propriamente a inteligência pois, diz Binet, qualidades intelectuais não são mensuráveis. Mas êle acredita ser possível estabelecer uma classificação ou hierarquia entre os diversos graus de inteligência e afirma que “para as necessidades da prática, esta classificação equivale a uma medida. Nós poderemos saber, após estudarmos dois indivíduos, se um está adiantado em relação ao outro e quantos graus; se um se situa acima da média dos indivíduos considerados normais ou se êle está abaixo dessa média. Conhecendo a marcha normal do desenvolvimento intelectual nos indivíduos normais, nós poderemos determinar a quantos graus da escala corresponde a idiotia, a imbecilidade a debilidade mental” (7C, pág. 195).

Na aplicação das provas, Binet recomenda uma absoluta objetividade, devendo as instruções dadas ao sujeito serem sempre as mesmas, sem nenhuma modificação e um grande cuidado ser tomado em não suggestionar o sujeito em relação a determinada resposta. Mas êle recomenda também, que no registrar os fatos, não sejam tomados em consideração apenas os resultados brutos, apenas a resposta à prova e sim, ao mesmo tempo, seja feita uma observação “psicológica”, uma observação dos pequenos fatos que permitam dar aos resultados brutos o seu verdadeiro sentido.

Após a aplicação da sua escala em um grande número de sujeitos normais e anormais, Binet concluiu que a idade mental de um idiota equivaleria a de uma criança até 3 anos de idade cronológica; do imbecil, a uma criança até 7 anos e a do débil a um atraso de idade mental em relação à cronológica, de mais de 2 anos e um limite máximo de 11 anos de idade mental mais ou menos, sendo esta última classificação imprecisa pois, na sua opinião, a debilidade não é um estado característico e definido, mas uma incapacidade de auto-direção, cuja gravidade dependeria do meio ambiente do débil.

Enorme repercussão por todo o mundo, desde o seu aparecimento até os nossos dias, teve a Escala Métrica de Inteligência e especialmente, a noção de idade mental, introduzida como unidade de medida nos estudos do desenvolvimento mental. Várias revisões com melhor padronização, aperfeiçoamento das técnicas de aplicação e avaliação e modificações ou acréscimos de alguns itens apareceram e continuam proliferando. Mas, paralelamente, muitas críticas surgiram. Restringiremo-nos a registrar a crítica de Barbel Inhelder, no seu livro “O diagnóstico do raciocínio nos débeis mentais” onde, criticando, a autora se propõe a sanar as imperfeições do trabalho de Binet no seu próprio método experimental, baseado na teoria genética de Jean Piaget.

Assim como a escala de Binet foi criada a pedido do Ministro de Instrução Pública do Governo Francês, em 1904, para a seleção de crianças normais e anormais em escolas públicas, a de Barbel Inhelder o foi com a mesma finalidade, atendendo ao pedido do Departamento de Instrução Pública do cantão de Saint-Gall, em 1939.

Encontrou Inhelder no seu trabalho, que os testes então já clássicos para a determinação da idade mental, mediam mais o rendimento ou as aquisições do que o processo mental subjacente, o raciocínio, o qual diferenciaria realmente o débil mental do normal, donde a sua idéia de criar provas para diagnosticar os níveis de raciocínio.

Segundo ela, “Binet abriu o caminho a um diagnóstico científico dos estados inferiores da inteligência” (6, pág. 15). Para êle, a medida de inteligência não era uma teoria do desenvolvimento mental (por prudência científica) mas um instrumento de “trriage” das anomalias psíquicas (pressupondo para tôdas as idades uma sintomatologia da inteligência normal). A inteligência não seria o produto de uma função particular, mas um composto de interesse, bom senso, atenção, raciocínio, enfim, o conjunto de reações ao mundo exterior. E a sua afirmação de que a mentalidade de um débil corresponde a de uma criança normal X anos mais jovem, não é superficial como parece, mas relativa aos resultados do teste, o qual traduz apenas uma ordem ou uma graduação em relação a uma média de indivíduos normais de X idades. A idade mental seria um índice mensurável da inteligência, sem valor propriamente matemático.

Mas sendo o teste de Binet um excelente meio de “trriage” das anomalias psíquicas, não satisfaz, para Barbel Inhelder, “as

exigências de um diagnóstico psicológico do pensamento” (6, pág. 18), deixando em suspenso questões estruturais e mesmo funcionais.

Pergunta a autora: o que é a inteligência que Binet pretende medir? O seu teste mede o que a criança sabe ou não sabe fazer e dá um resultado global. Não se pode daí, concluir a natureza e as deficiências das funções mentais, deixando margem à intuição clínica. Desta insuficiência decorre uma outra: a questão genética. A escala métrica da inteligência traduz um desenvolvimento natural? Os níveis de idade mental podem ser considerados etapas de uma evolução real? A idade mental é definida pela soma de acertos e nos dá um rendimento médio, que não exprime as características dominantes de um nível de desenvolvimento. Uma prova resolvida corretamente no teste não implica que as das idades mentais inferiores tenham sido resolvidas. Uma integração das aquisições anteriores não seria muito mais um critério de real evolução? Umhas respostas compensam as outras, mas elas são qualitativamente heterogêneas. Em lugar dêste jôgo empírico de compensações, porque não buscar mais profundamente, no próprio funcionamento das operações intelectuais? Em lugar do rendimento, a construção subjacente? A etapa genética em lugar da idade mental?

Assim pensando, Inhelder vai utilizar a teoria de Piaget segundo a qual, como já vimos no início, o desenvolvimento mental é concebido como uma organização progressiva de um mecanismo operatório, a qual passa por diferentes formas de equilíbrio, ligadas por uma lei de construção inerente à própria organização. Estas formas seriam as etapas mentais, as quais estabelecidas para cada função em um determinado sujeito, possibilitariam uma avaliação e classificação do seu desenvolvimento mental.

As etapas mentais do raciocínio seriam encontradas no estudo dos mecanismos do pensamento e das operações sucessivas que o constituem, não se tratando de encontrar o conteúdo individual, mas o funcionamento e a estrutura do pensamento.

Segundo Piaget, há dois grandes sistemas de pensamento, um sucedendo ao outro: 1.º O Egocentrismo (até 7 a 8 anos mais ou menos); 2.º O que obedece as normas do intercâmbio social. O primeiro é o pensamento unitário e coerente da mentalidade infantil diferindo em grau e natureza do pensamento adulto. Funcionalmente, o egocentrismo se manifesta pela predominância da busca da satisfação imediata sôbre a busca do

verdadeiro, donde a ausência da necessidade de verificação na criança. E' um pensamento onde os interesses visam já uma adaptação intelectual, mas em cuja estrutura penetram ainda tendências lúdicas. Em vez de se situar em relação à realidade objetiva o pensamento egocêntrico "ignora-se a si mesmo e relaciona sem o saber, tudo ao próprio eu" (6, pág. 41). E' essencialmente irreversível, apresentando-se sob a forma de uma crença (ex., a criança é incapaz de imaginar hipóteses), vendo o mundo nas suas aparências (sem perceber as permanências subjacentes) e se manifestando por um raciocínio "transdutivo" (= diferente da dedução e indução: raciocínio por fusão sincrética de julgamentos, sem ligações lógicas necessárias). A transformação dêste nível ao adulto não se dá nem por adições, nem pela aparição de funções novas, mas por um processo de organização, que Piaget descreve como sendo, em linhas gerais, uma socialização do pensamento. O pensamento racional é o fruto da cooperação mental da criança com o meio, a qual tem três conseqüências essenciais: 1.º Tomando consciência da sua subjetividade, ela constrói representações objetivas. 2.º Perceberá ser o seu ponto de vista não universal, mas particular entre outros. 3.º Compreenderá a relatividade das noções e relações. Em face dêle mesmo, o pensamento lógico usa as mesmas regras de origem social, sob a forma de uma discussão interiorizada (verificação de proposições, consolidação de crenças, respeito ao princípio de não contradição, etc.). O pensamento seria preparado pela ação, mas entre os níveis de atividade psicológica, ou seja, a organização sensorial-motriz e o pensamento racional, estaria o pensamento egocêntrico como intermediário. Êste é o primeiro aspecto da evolução do pensamento, sendo que o segundo, que lhe é complementar, é o mecanismo interno dêsse processo. E' preciso, portanto, examinar a continuidade do funcionamento da inteligência e a variação de estruturas ou sistemas que ela cria no curso do seu desenvolvimento.

Por que mecanismos se dá a continuidade? Segundo o ponto de vista biológico de Piaget, o qual engloba a socialização do pensamento na adaptação, como um caso particular desta (adaptação no início mais restrita que a biológica, posteriormente a transbordando ou ultrapassando), a inteligência é uma organização cuja função é estruturar o universo.

As invariantes funcionais comuns a tôdas as estruturas biológicas, as quais constituem também as formas psicológicas, são a organização e a adaptação; a primeira assegura a conservação

e a segunda o intercâmbio com o meio, por intermédio de dois mecanismos complementares: a assimilação e a acomodação (a assimilação organiza os esquemas sensoriais-motrizes e a acomodação os diferencia). Nós assistimos esta ação conjugada desde os exercícios mais primitivos até o equilíbrio das composições reversíveis dos esquemas das ações ou mesmo das invenções de novos meios, pelas combinações mentais. Por exemplo, a elaboração da noção de objeto, que é o primeiro princípio de conservação que a criança elabora, é fruto da acomodação dos órgãos, permitindo a previsão; fruto da coordenação dos esquemas organizando os aspectos do objeto e da dedução sensorial-motriz conciliando a permanência com as mudanças aparentes. Estabelecida a constância do objeto, a criança de 4 a 11-12 anos passa por outras etapas de construção racional, tratando de postular a permanência da substância, depois a do peso e, posteriormente, a do volume. A esta altura, os mecanismos de assimilação e acomodação tornam-se os da interação, da dedução e da experiência.

Como determinar os equilíbrios particulares, isto é, as etapas dessas estruturas e a lei da sua sucessão genética? Diz Piaget que uma operação, em termos de ação adaptativa, é uma ação tornada reversível porque a assimilação está em equilíbrio com a acomodação. As operações constituem as classes, as relações, etc., e formam grupos ou "agrupamentos". Assim, por exemplo, o princípio de conservação repousaria sobre tal agrupamento operatório.

O agrupamento sendo equilíbrio e, portanto, estável, não impossibilitaria a evolução porque há uma lei regendo a estruturação progressiva, imanente ao próprio mecanismo operatório. Há nos agrupamentos uma ordem interna de diferenciação e estruturação de equilíbrios; êles são também processos evolutivos, garantindo a continuidade funcional do desenvolvimentto, estruturando-se, diferenciando-se e reestruturando-se sucessivamente.

B. Inhelder pergunta: o desenvolvimento das operações determinando as etapas e a gênese das noções racionais é, ao mesmo tempo, um princípio explicativo do desenvolvimento mental? Qual a significação psicológica do desenvolvimento operatório? Podemos considerar as suas etapas como índice do nível mental? A análise operatória conseqüentemente poderá servir como diagnóstico, mostrando "paradas" patológicas ou deficiências do raciocínio? Se assim fôr, poderemos constatar os diferentes níveis de debilidade mental.

Afirma Inhelder que se o retardamento dos débeis fôsse apenas uma parada ou um atraso do desenvolvimento mental, abrangendo de maneira homogênea tôdas as funções psíquicas, não seria de todo difícil. Mas êles não apresentam uma linha única progressiva e sim, fenômenos paranormais em linhas diversas. E', portanto, impossível no diagnôstico, reduzir o débil a tal nível mental de uma escala linear, escala esta baseada no rendimento médio de uma criança normal. Podemos, entretanto, em lugar de determinar quantitativamente o nível geral, determinar uma função particular por necessidade metodológica. Por exemplo, o raciocínio: procurar estabelecer os seus níveis, isolando-o na medida do possível de outros mecanismos (memória, hábito, etc.).

O problema cairia então, na maneira de testar, na escolha de um material de teste que permitisse tal aproximação. Se o raciocínio consiste em um agrupamento de estruturas ou, no caso particular, em um sistema de operações formais cujo funcionamento ocorre apenas no contacto com a experiência, como separar a forma do conteúdo, ou, seja, as operações da experiência individual? Impossível. Entretanto a hipótese da autora será que a um certo grau de profundidade da análise genética, descobre-se não uma multiplicidade de mecanismos operatórios, mas um certo número de operações fundamentais e gerais, encontráveis em tôda a construção intelectual. O geral seria encontrado no particular e não na generalidade. Assim, se o desenvolvimento mental total do débil parece refratário a uma medida genética, crê Inhelder que será possível analisar as normas comuns a todo pensamento coerente e chegar à determinação de um certo nível de raciocínio operatório significativo do seu desenvolvimento mental.

Com esta finalidade, Inhelder criou três tipos de provas, as quais devem ser aplicadas por um método clínico no seu sentido mais geral, isto é, uma conversação orientada pelo experimentador e respostas livres do sujeito, sendo que tôda a sua atitude, gestos, expressões, comentários, etc., deverão ser registrados pelo experimentador. Quer ela uma visão sintética do comportamento em seu livre e pleno desenvolvimento, para poder estudar a sua estrutura. Tôdas as provas visam encontrar a etapa mental ou nível do desenvolvimento operatório em que se encontre o sujeito. São elas, esquematicamente, as seguintes:

1.º Prova das transformações da bola de massa. Material: duas bolas idênticas de massa (mesmo pêso e tamanho) e

uma balança com dois pratos. Procedimento: afirma-se ao sujeito serem as duas bolas iguais em quantidade de massa, pêso e tamanho, colocando-as na balança para que êle constate essa realidade. Após serem retiradas da balança, uma delas é entregue ao sujeito com a instrução de fazer com ela “uma coisa comprida” como se fôsse “uma salsicha” ou qualquer outro exemplo que dê essa idéia, depois “muitos pedacinhos” e depois “uma coisa chata”. Entre cada uma dessas instruções, pergunta-se “agora qual tem mais massa, qual é a maior e qual pesa mais” (a bola intacta ou a modificada nas diversas formas).

2.º) Prova da dissolução do açúcar. Material: dois copos com água, duas colheres de açúcar, dois elásticos para marcar o nível da água no copo. Procedimento: mostra-se os dois copos com a mesma quantidade de água e mesmo pêso (verificação na balança). Põem-se em um dêles uma colher de açúcar, perguntando “o que vai acontecer com o açúcar”? Depois pergunta-se qual o mais pesado (copo com ou sem açúcar) e se o nível da água está mais baixo, igual ou subiu (do copo com açúcar).

3.º) Prova das composições lógico-aritméticas. Material: três barras de massa do mesmo tamanho, forma e pêso, mas de côres diferentes. Outros objetos: pedaços de chumbo, carvão, etc., com o mesmo pêso, mas diferentes em forma e dimensões. Procedimento: quer-se saber se A é igual a B e B é igual a C, portanto, se A é igual a C. A, B e C são representados pelos materiais, primeiro as barras, depois as variações com as outras formas e substâncias, acompanhados pelas perguntas: “qual é maior” e “qual pesa mais”.

As perguntas podem ser modificadas ou repetidas sob diversas formas, mas sempre no mesmo sentido até que o experimentador esteja seguro de que o sujeito compreendeu o que se quer dêle.

Se o sujeito não percebeu, em nenhuma prova, a invariabilidade da substância (por ex., respondendo que a “bola é maior que a salsicha”), nem a conservação do pêso (por ex., respondendo “barra de côr diferente pesa diferente”) nem a do volume (por ex., respondendo “o nível da água abaixou depois que pôs o açúcar”), êle deverá ser classificado na primeira etapa do raciocínio alcançada pelos dêbeis mentais, equivalente ao nível de desenvolvimento mental normal, de crianças de 4-5 a 7-8 anos. Se êle percebeu a invariabilidade da subs-

tância, mas não a do pêso e do volume, sucessivamente mais abstratas, estará na segunda etapa mental, equivalente à de uma criança entre 7-8 a 9-10 anos e se percebeu a permanência da substância e a do pêso, apenas não percebendo a do volume, estará no terceiro e último estágio, segundo Inhelder, alcançado pelos débeis mentais (os quais não alcançariam o nível do pensamento abstrato) equivalente a idade cronológica de 9-10 a 11-12 anos.

Encontrou a autora, em tôdas as aplicações da sua prova, apesar das variações individuais de instrução, interesse, memória, facilidade verbal, etc., uma atitude semelhante quanto ao raciocínio naqueles que se situavam em uma mesma etapa, em todos os três estágios. E, sendo a necessidade de considerar os elementos idênticos a si mesmos e invariáveis, condição não apenas destas provas, mas de todo o raciocínio, ela conclui pela possibilidade de generalização destes resultados. Conclui que os débeis mentais apresentam um desenvolvimento equivalente ao normal nas suas linhas estruturais, passando pelas mesmas etapas de raciocínio, mas mais lento e com diferentes "paradas", nunca chegando ao desenvolvimento máximo normal. Os estágios alcançados pelos débeis correspondem aos estados progressivos do pensamento egocêntrico (típico da criança normal) chegando ao nível das operações concretas, mas não alcançando o nível superior das noções abstratas.

* * *

Encontramos uma coincidência na pretensão de ambos em solucionar o problema do diagnóstico da debilidade mental. Binet criticava os médicos que haviam tratado do problema, de agirem sem nenhuma objetividade, baseando os seus juízos em uma impressão global e em testemunhos de terceiros. Tal situação, diz Binet, faz com que diferentes médicos, a poucos dias de intervalo, firmem diferentes diagnósticos sobre os mesmos doentes. E criticava os psicólogos de com os seus testes de medir sensações e percepções, não atingirem os processos mentais mais complexos, os quais seriam os únicos que evidenciariam o grau de inteligência. Por sua vez, Inhelder critica com a mesma intensidade, vários aspectos do trabalho iniciado por Binet, o qual, na época de seus estudos, é o mais difundido como modelo de escala para medir o desenvolvimento mental. Afirma principalmente, que o resultado médio das respostas certas de um sujeito não pode exprimir um nível de raciocínio. Entretanto ambos buscavam, de maneira geral, a mesma coisa, isto é, o processo inteligente, isolando-o na me-

dida do possível, de conhecimentos adquiridos e das diferentes aptidões ou outros processos mentais. E, ainda, ambos procuravam estabelecer níveis mentais para assim poder classificar os diferentes graus de desenvolvimento da inteligência.

Falta-nos em relação a Inhelder, a perspectiva histórica que já possuímos do trabalho de Binet. Este foi amplamente consagrado pela sua utilidade prática, tanto na sua forma original, como nas inúmeras revisões mais recentes, feitas por outros autores (9) embora ao mesmo tempo em que foi utilizado, tenha sido também criticado.

Barbel Inhelder vem se juntar às duas críticas mais difundidas: 1.º) Que o teste de Binet não mede tão simplesmente a capacidade de “bem raciocinar, julgar e compreender”, como êle pretendia, mas sim e em grandes proporções, também conhecimentos adquiridos ou escolaridade. 2.º) Que mede outras aptidões além da inteligência, não ficando estas bem estabelecidas: não se sabe bem o que o teste está medindo quando aplicado. (Outras críticas foram feitas, as quais, na sua maioria, já foram sanadas nas revisões de outros autores). Estas duas críticas se revestem de grande importância na utilização do teste no diagnóstico dos débeis mentais pois, quanto à primeira crítica, alguns débeis com muita escolaridade, poderão conseguir uma idade mental bastante avançada no teste e não significativa do seu verdadeiro nível de raciocínio e outros, de baixo nível social e econômico, sem nenhuma escolaridade, uma idade mental aquém da sua capacidade intelectual, subdesenvolvida e muito provavelmente, recuperável com instrução intensiva e melhor ambiente. Quanto à segunda crítica, tanto Binet quanto Inhelder, como vimos, afirmam que em outras funções mentais o desenvolvimento poderá estar atrasado ou adiantado em relação ao nível intelectual, mas algumas destas funções são evidentemente também testadas pela prova de Binet, podendo portanto, estar “camuflando” a verdadeira idade mental quanto ao raciocínio.

Entretanto, parece-nos que a crítica mais importante de Inhelder é uma terceira, quanto à maneira de encontrar e avaliar a idade mental, pois se esta pretende traduzir um nível ou estágio do desenvolvimento mental, realmente a forma como é procurada e a maneira de avaliar os resultados não nos parecem indicados para tal fim. O teste de Binet nos dá, com muita utilidade prática na seleção de sujeitos, uma noção da média dos conhecimentos do sujeito em alguns itens. Mas não nos

oferece o processo dêsse raciocínio, a maneira pela qual são adquiridos os conhecimentos. No caso dos débeis mentais, onde por definição, o desenvolvimento mental está retardado ou parado, esta necessidade é premente. E' preciso não apenas selecioná-los, mas principalmente compreendê-los.

Por outro lado, se a crítica de maior importância nos parece ser a da menos aprofundada noção de estágio mental em Binet, não podemos nos esquecer que Inhelder já contava nos seus estudos, com a utilização dêstes estágios como unidades de medida da inteligência assim como das provas de nível mental pròpriamente ditas (e não medidas de sensações), ambas iniciadas por Binet e continuadas por muitos. Êste foi, práticamente, um pioneiro.

Perguntamos: conseguiu Inhelder vencer as dificuldades dos pontos por ela criticados em Binet? Quanto à primeira crítica, cremos que na sua prova há um maior grau de libertação de conhecimentos adquiridos, mas que esta libertação na sua totalidade, como ela mesma afirma, é impossível de ser atingida. O importante é que na nossa cultura realmente sejam verificáveis os níveis de raciocínio, propostos por ela (frutos do raciocínio sôbre experiências e conhecimentos), não se pretendendo que êles sejam semelhantes em outras culturas. Sabemos por estudos de M. Mead, citados por Zazzo (10, pág. 69), que alguns estágios geralmente reconhecidos e aceitos entre nós, não são encontrados entre alguns povos primitivos, o que não invalida a idéia em si de estágios, pois êstes certamente, também passarão por níveis de desenvolvimento, os quais sofrendo a influência do meio ambiente serão consequentemente diferentes dos nossos. E' cêdo e difícil para nos pronunciarmos quanto à verificação dos níveis propostos por Inhelder. A natureza recente e não muito difundida de seu trabalho e a polêmica estabelecida entre os psicólogos quanto a quais sejam os estágios do desenvolvimento mental, impedem uma afirmação em qualquer sentido.

Na segunda crítica, quanto à participação de diferentes aptidões na resolução dos itens do teste de Binet, parece-nos que Inhelder conseguiu tanto quanto possível, restringir ao raciocínio, a atitude dos sujeitos frente à sua prova. Mas não afirmamos a vantagem dessa conquista na prática. Êste tipo de prova talvez não seja suficiente, embora seja indiscutível a sua utilidade. Poderia o raciocínio ser tomado por inteligência ou seria esta de natureza mais ampla, manifestando-se em diferen-

tes aptidões, isto é, como base de todos os processos mentais? Neste caso não seriam de maior utilidade, provas incluindo vários aspectos do processo mental? Seria indispensável, isto sim, que cada um dêles fôsse melhor estabelecido e delimitado para que soubéssemos o que estamos medindo. Por outro lado, o setor afetivo não estaria sempre presente, influenciando e mesmo condicionando o setor intelectual? Deixamos estas perguntas em suspenso.

A crítica quanto aos estudos sôbre a idade mental divide-se em duas partes: Crítica à teoria e crítica à prática. Se a crítica à prática parece-nos de bastante valor e fundamento, a crítica à teoria é algo imprecisa, pois cremos que a idéia de estágios, idades mentais, etapas ou níveis é uma só, isto é, é a idéia de momentos distintos de uma evolução. Cremos portanto, que com o tempo, os psicólogos (11) que hoje não conseguem entrar em um acôrdo sôbre quais sejam êsses diferentes estágios — se são gerais, abrangendo todo o processo mental, ou particulares para cada aptidão ou setor dêsse processo, quais sejam as maneiras de atingí-los e finalmente, se existem, isto é, se o desenvolvimento mental seria divisível em diferentes etapas e não um processo contínuo, indivisível (como pretendem alguns) — encontrarão um ponto comum, dada a necessidade de estabelecer um melhor sistema de unidades de medida, as quais quanto mais precisas, mais permitirão que se faça uma ciência objetiva. Paraphraseando Piaget (12, pág. 2), segundo o qual a noção de etapa é tão necessária à Psicologia quanto à de classificação para a Zoologia e a Botânica, cremos com êle, estar a Psicologia, nesse capítulo, em uma situação equivalente a dessas ciências nos seus inícios.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — TREGGOLD, R. F. and SODY, K. — **Mental Deficiency**. Bailière, Tindall and Cox. London, 1956.
- 2 — ANASTASI, A. and FOLEY — **Differential Psychology**. The Macmillan Company. New York, 1956.
- 3 — PINTNER, R. — **El niño deficiente mental i oligofrenico**. Manual de Psicología del niño C. Murchison. Francisco Seix Editor. Barcelona, 1955.
- 4 — SZEKELY, B. — **Los tests**. Editorial Kapeluzs. B. Aires, 1950.
- 5 — FREEMAN, F. — **Theory and Practice of Psychological Testing**. Henry Holt and Company. N. York, 1950.
- 6 — INHELDER, B. — **Le diagnostic du raisonnement chez les débiles mentaux**. Éditions Delachaux & Niestlé, S. A. Paris, 1943.
- 7A — BINET et HENRI — **La Psychologie Individuelle. L'Année Psychologique**; Masson et Cie. Éditeurs, 1896.
- B — BINET, H. — **L'intelligence**: Schleider Frères & Cie. Éditeurs. Paris, 1903.
- C — BINET et SIMON — **Méthodes nouvelles pour faire le diagnostic différentiel des anormaux de l'intelligence. L'Année Psychologique**; Masson et Cie. Éditeurs. Paris, 1905.
- D — BINET, H. — **A propos de la mesure de l'intelligence. L'Année Psychologique**; Masson et Cie. Éditeurs. Paris, 1905.
- E — BINET et SIMON — **Le développement de l'intelligence chez les enfants. L'Année Psychologique**; Masson et Cie. Éditeurs. Paris, 1908.
- 8A — PIAGET, J. et SZEMINSKA, A. — **La genèse du nombre chez l'enfant**. Delachaux et Niestlé, Neuchâtel et Paris, 1941.
- B — PIAGET, J. et INHELDER, B. — **Le développement des quantités chez l'enfant**. Delachaux et Niestlé, Neuchâtel et Paris, 1941.
- C — PIAGET, J. — **Le langage et la pensée chez l'enfant**. Delachaux et Niestlé, Neuchâtel et Paris, 1923.
- 9A — GODDARD, H. H. — **A Revision of the Binet Scale. The Training School Bulletin**; Vineland, New Jersey, Vol. 8, 1911, pp. 56-62.
- B — KUHLMANN, F. — **A Handbook of Mental Tests**. Warwick York. Baltimore, 1922.

- C — YERKES, BRIDGES and HARDWICK — **A Point Scale for Measuring Mental Ability.** Warwick and York, Baltimore, 1915.
- D — HERRING, J. P. — **Herring-Revision of the Binet-Simon Tests.** Teachers College, Columbia University, N. York, 1924.
- E — TERMAN, L. M. — **The Measurement of Intelligence.** Houghton Mifflin Co. Boston, 1916.
- 10 — ZAZZO, R. — Symposium de l'Association Psychologique de Langue Française: **Le Problème des Stades en Psychologie de L'Enfant.** Presses Universitaires de France, Genève, 1955.
- 11 — Symposium de l'Association Psychologique de Langue Française: **Le Problème des Stades en Psychologie de L'Enfant,** Presses Universitaires de France, Genève, 1955.
- 12 — PIAGET, J. — Symposium de l'Association Psychologique de Langue Française: **Le Problème des Stades en Psychologie de L'Enfant.** Presses Universitaires de France, Genève, 1955.

SUMARIO

Tentamos, neste estudo, analisar alguns aspectos das contribuições de Binet e Simon e de Piaget e Inhelder na avaliação da Debilidade Mental. Esta, como sabemos, é um caso especial do problema da inteligência.

Teorias e métodos de trabalho diferentes são utilizados por Binet e Simon (avaliação por idade mental) e Piaget e Inhelder (avaliação por etapa mental) sendo que os últimos criticam os primeiros e pretendem apresentar algo mais profundo, embora seguindo em seu trabalho, o caminho já aberto por êstes. Quisemos, resumidamente, pôr em evidência os principais aspectos dessas noções e dos métodos de trabalho conseqüentes.

SUMMARY

We have tried in this study to analyze some aspects of the contributions of Binet and Simon and of Piaget and Inhelder in the avaluation of the psychological problem of Mental Defficiency as a special case of Intelligence.

Different theories and methods of work are utilized by Binet and Simon (the notion of mental age) and by Piaget and Inhelder (the notion of mental stages).

Binet and Simon have been criticized by Piaget and Inhelder but this authors mention in their work the important part played by them in opening the way for further research in this line of studies.

RESUMÉ

Nous avons essayé, dans cet etude, d"analyser quelques aspects de les contributions de Binet et Simon et de Piaget et Inhelder dans le diagnostic de la Débilité Mental, laquelle comme problem psychologique, cet un cas special du problem de l'Intelligence.

Des théories et des méthodes du travail differents ont été utiliser par Binet et Simon (notion d'âge mental) et Piaget et Inhelder (notion d'stade mental).

Piaget et Inhelder ont critiqué Binet et Simon mais ont aussi reconnu leur importance comme pionniers dans cet ligne du travail.

O DESENHO DA FIGURA HUMANA COMO MEDIDA DE INTELIGÊNCIA E DIAGNÓSTICO DA PERSONALIDADE EM DÉBEIS MENTAIS

A presente pesquisa teve por objetivo a verificação do significado psicológico do desenho da figura humana em crianças débeis mentais. Sabemos que em sujeitos normais êstes desenhos tanto são utilizados na avaliação da inteligência (ex., teste de Goodenough (1)) como na avaliação da personalidade (ex., teste de Machover (2)). Sabemos, ainda, que em sujeitos anormais de personalidade, isto é, com desvios comportamentais, êstes desvios podem prejudicar a avaliação da inteligência, pois áreas corporais conflitivas poderão não ser desenhadas ou o ser confusamente, sem que isto denote a incapacidade intelectual de observação ou compreensão dessa área (ex., a falta de braços em uma figura desenhada por sujeitos com conflitos emocionais, poderia denotar sentimento de culpa em relação a êles no seu caso pessoal e não a incapacidade de percebê-los, o que poderia ser evidenciado em outro teste de medida intelectual). Restava saber no caso da debilidade mental, ou seja, no caso de uma detenção do desenvolvimento cerebral, que não envolve necessariamente os aspectos emocionais, volitivos, etc., da personalidade e sim uma deficiência intelectual (3), quais as possibilidades de um diagnóstico psicológico baseado no desenho da figura humana.

Segundo Goodenough, “quando uma criança desenha a figura humana sôbre um papel, não desenha o que vê mas sim o que sabe a respeito” sendo, portanto uma realização de ordem intelectual e não artística, a qual progride gradativamente no curso do desenvolvimento mental, possibilitando uma análise quantitativa. Na avaliação de um desenho estamos medindo “as funções de associação, observação analítica, discriminação, memória de detalhes, sentido espacial, juízo, abstração, coordenação viso-manual e adaptação” (1, pág. 12) para cada ano de idade mental. Quanto à precisão do teste, expressa pelo coeficiente de correlação encontrado por Terman para

a prova de Goodenough, esta “oscila entre 0,80 e 0,90 para as crianças entre 4 a 10 anos, com um grupo de crianças de idade não selecionada e uma correlação média de 0,76 com a idade mental Stanford, com grupos de idades entre 4 a 12 anos separadamente” (1, pág. 13). A validade da prova foi estabelecida preliminarmente para cada unidade de medida em separado (aumento regular de acertos para o mesmo item e relação com escolaridade) e finalmente, com o êxito escolar (1, págs. 42 e 72).

Quanto à origem do método de Machover, encontramos nas suas próprias palavras: “No decorrer da aplicação do teste de Goodenough, Desenho de um Homem, para a obtenção do quociente de inteligência, descobrimos que um cuidadoso estudo dos desenhos individuais rendia rico material clínico sem relação com o nível intelectual do sujeito. As crianças que alcançavam a mesma idade mental, freqüentemente faziam desenhos surpreendentemente diferentes e individualizados” (2, pág. 21). Explica a autora que tal fato se dá pela projeção da personalidade no ato de desenhar uma figura humana, ato este onde influem forças tanto conscientes como inconscientes ou seja, o sistema completo de valores psíquicos. O desenho de “uma pessoa envolvendo a projeção da imagem de um corpo, oferece um veículo natural de expressão das necessidades e conflitos do próprio corpo” (2, pág. 4) e a personalidade não se desenvolve “no vazio e sim através de movimentos, sentimentos e pensamentos de um corpo específico” (2, pág. 3). Desconhecemos a precisão do teste de Machover tanto para normais como para anormais de personalidade e inteligência. Temos apenas as afirmações da autora, já bastante comprovadas, da constância da projeção da personalidade no desenho da figura humana, especialmente nos aspectos estruturais e formais (2, pág. 5) e da validade dos diagnósticos obtida por confronto com entrevistas, anamneses psiquiátricas, comparações com estudos de caligrafia e do teste de Rorschach (2, pág. 26).

Como plano de trabalho, procuramos estabelecer em um grupo de crianças débeis mentais, a correlação existente entre 1.º) A avaliação de Goodenough e o teste de Binet-Simon (ambos proporcionando medidas do nível mental); 2.º) A correlação entre a avaliação de Machover e uma entrevista psicológica e exame psiquiátrico (onde encontramos dados qualitativos sobre a personalidade dos sujeitos).

Sujeitos e Procedimento

Utilizamos uma amostra ao acaso de 200 sujeitos (100 para cada correlação) da população total de 800 débeis mentais matriculados em 1959 nas classes especiais mantidas pela Secção de Higiene Mental do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação, setor responsável pelos mesmos no aparelhamento educacional do estado de São Paulo.

Esta população foi previamente selecionada por testes mentais (Binet-Simon e Goodenough) e uma entrevista psicológica, por um exame médico (exame clínico geral e exames específicos se necessários) e um exame psiquiátrico (também com exames específicos quando necessários).

O nosso trabalho constou, após a seleção ao acaso de dois grupos A e B (de 100 sujeitos cada): 1.º No estabelecimento do coeficiente de correlação de Pearson entre os dois testes de medida de nível mental, Binet-Simon e Goodenough, no grupo A. Esta correlação foi possível dada a avaliação quantitativa proporcionada por ambas as provas. 2.º No estabelecimento de um critério estatístico para a verificação do acôrdo entre o teste de Machover e a entrevista psicológica e psiquiátrica, ambos oferecendo dados qualitativos.

Para a avaliação da personalidade pela técnica de Machover, utilizamos os desenhos feitos para serem avaliados pela técnica de Goodenough. Sabemos que as instruções dadas ao sujeito em ambas as provas, são diferentes entre si. No teste de Goodenough, pede-se que desenhem “um homem, o mais bonito que possam. Trabalhem com muito cuidado e empreguem todo o tempo que necessitem...” (1, pág. 113), enquanto que no de Machover as instruções são para “desenhar uma pessoa” (2, pág. 29). Portanto, se o sujeito deveria desenhar uma figura do sexo masculino, o melhor possível, para Goodenough, poderia para Machover desenhar uma figura de ambos os sexos (o que facilitaria a projeção da personalidade) e sem cuidados especiais. Entretanto, inspiramo-nos, nesse procedimento, na própria Machover, a qual confessa ter o seu método se originado na aplicação e avaliação do teste de Goodenough (2, pág. 20) e analisa desenhos da figura humana não requisitados por ela ou qualquer outro teste (ex., o seu trabalho: A imagem corporal na comunicação artística, como vista nos desenhos de W. Steig (4)). Para uma experiência pessoal das possibilidades desse procedimento, aplicamos em sujeitos fora da

amostra escolhida, o teste com as instruções de Goodenough e a avaliação de Machover e encontramos que para esta finalidade, neste grupo de sujeitos, não importam realmente as instruções. Encontramos que as meninas na sua maioria, desenhavam figuras do sexo feminino, a despeito das instruções e que muitos meninos desenhavam mulheres, possivelmente com projeção da mãe. E encontramos ainda, desenhos sem qualquer indicação de sexo. Utilizando as instruções de Machover nos mesmos sujeitos, em outro dia, foram obtidos os mesmos resultados. Quanto às instruções de fazer “o mais bonito possível, com muito cuidado” e nenhuma instrução nesse sentido, também não encontramos diferenças nos desenhos.

A correlação no grupo B, entre o teste de Machover e a entrevista, foi verificada por um julgamento de correspondência entre estas duas medidas de personalidade. Ambas foram reunidas em grupos de 2 pares, os quais dispostos ao acaso, foram apresentados a um juiz competente que os desconhecia até então. Dêstes 2 pares, um par continha um desenho e uma entrevista correspondentes pertencendo ao mesmo sujeito e o outro par, um desenho e uma entrevista pertencentes a diferentes sujeitos, portanto não correspondentes. A tarefa do juiz foi a de estabelecer qual par do grupo de pares pertencia ao mesmo sujeito. Em detalhe, obedecemos ao seguinte procedimento: 1.º) Para permitir futura identificação, foram numeradas as entrevistas e os desenhos. 2.º) Das 100 entrevistas, 50 foram sorteadas ao acaso e posteriormente emparelhadas com os 50 desenhos correspondentes (formando pares do mesmo sujeito). 3.º) As 50 entrevistas restantes foram emparelhadas ao acaso com os restantes desenhos (formando pares de diferentes sujeitos). 4.º) Um par correspondente e um par não correspondente eram tomados e apresentados ao juiz em disposição ocasional.

Resultados e Discussão

Encontramos a correlação positiva 0,62 significativa além do nível de 0,005, como resultado do coeficiente de correlação de Pearson para o grupo A (entre o teste de Binet-Simon e o de Goodenough). Foi verificada portanto, a possibilidade de se utilizar o desenho da figura humana como índice de nível intelectual nos débeis mentais, dada a elevada correlação com outro teste de medida de inteligência.

Entretanto, notamos apesar da correlação positiva e significativa, um elevado número de resultados mais altos no teste

de Binet-Simon do que no de Goodenough. Reunindo os dados a esse respeito, fornecidos tanto pelo grupo A como pelo grupo B, obtivemos a seguinte distribuição:

1.º) Resultados mais altos no teste de Binet-Simon	132
2.º) Resultados mais altos no teste de Goodenough	59
3.º) Resultados iguais nos dois testes	9

Tentando compreender êstes resultados, verificamos que:

1.º) Nos 132 resultados onde a idade mental e o quociente de inteligência são mais altos no teste de Binet-Simon, as palavras **agressivo** e **cooperador** aparecem 35 vezes cada uma nas entrevistas, sendo ambas as mais repetidas (26,5% do total). Segue a palavra **nervoso** em 27 vezes (21,1%), sendo que as demais palavras não foram repetidas mais de 20 vezes (tabela I). Os tipos psicológicos descritos são bastante diferentes uns dos outros, fato verificável pelo grande número de palavras empregadas nas descrições e relativa pequena repetição das mesmas. A média das idades cronológicas encontrada nos sujeitos dêste grupo é de 10 anos e 4 meses e a distribuição quanto ao nível sócio-econômico é a seguinte: 52,3% baixo, 36,3% médio e 11,3% alto.

2.º) Nos 59 resultados mais elevados no teste de Goodenough, a palavra **tímido** foi encontrada 35 vezes (59,3% do total), as observações **dificuldade de expressão** ou **dificuldade de prolação** 25 vezes (42,4%) e 20 vezes (33,9%) a palavra **instável**. As entrevistas, com algumas exceções, são bastante semelhantes entre si, apresentando um tipo psicológico “tímido, instável, medroso, nervoso, com dificuldade de expressão ou prolação”. A média das idades cronológicas é de 10 anos e 5 meses e a seguinte, a distribuição do nível sócio-econômico: 61% baixo, 27,1% médio e 11,8% alto.

3.º) Em 9 casos apenas, os resultados de ambos os testes são iguais. Nestes, verificamos que a observação **fala correntemente** aparece 4 vezes (44,4%) e em outros 4 resultados o problema da fala não é mencionado, donde se conclui não existir ou pelo menos, não ter sido observado como fator preponderante ou influente na entrevista. Apenas em 1 caso (11,1%) foi registrado **fala infantil**. Quanto a outros aspectos, as entrevistas são distintas umas das outras. A idade cronológica média é de 9 anos e 10 meses e o nível sócio-econômico distribui-se em 22,2% baixo, 33,3% médio e 44,4% alto.

TABELA I

Palavras empregadas nas entrevistas

Resultados mais altos no teste de Binet- Simon		Resultados mais altos no teste de Goode- nough		Resultados iguais nos dois testes	
Cooperador	26,5%	Timido	59,3%	Fala corrent.	44,4%
Agressivo	26,5%	Dif. de Exp.	42,4%	Irritável	22,2%
Nervoso	21,1%	Instável	33,9%	Instável	11,1%
Instável	14,4%	Nervoso	18,6%	Obediente	11,1%
Timido	13,6%	Medroso	15,3%	Teimoso	11,1%
Dif. de Exp.	12,1%	Inseguro	13,6%	Fala infant.	11,1%
Teimoso	11,4%	Irriquieto	13,6%	Amoroso	11,1%
Inseguro	11,4%	Teimoso	11,9%	Inseguro	11,1%
Indisciplina	9,8%	Negativismo	7,2%	Nervoso	11,1%
Irriquieto	8,3%	Apático	6,8%	Desobediente	11,1%
Convulsões	8,3%	Reações lentas	6,8%	Timido	11,1%
Calmo	7,7%	Cooperador	6,8%		
Reações rápidas	6,1%	Calmo	6,8%		
Apático	6,1%	Obediente	6,8%		
Desobediente	6,1%	Agressivo	6,8%		
Distraído	5,3%	Convulsões	5,1%		
Medroso	5,3%	Sonolência	5,1%		
Desembaraçado	4,5%	Esperto	5,1%		
Independente	2,3%	Fala corrent.	3,4%		
Impulsivo	1,5%	Amoroso	3,4%		
Fala corrent.	1,5%				
Obediente	1,5%				

Parece haver uma maior facilidade na realização do teste de Binet-Simon do que no de Goodenough, exceto nos casos de forte timidez e dificuldade de expressão ou de prolação, as quais dificultariam a performance na prova de Binet-Simon, essencialmente verbal e exigindo facilidade de comunicação social (impulsão reforçada pelo maior número de sujeitos "cooperadores" que foram melhor no teste de Binet-Simon (26,5%) do que no de Goodenough (6,8%)). Constando o teste de Goodenough apenas no pedido do desenho de uma figura humana e estando demonstrada a sua correlação positiva e significativa

com o teste de Binet-Simon, portanto a possível utilização de ambos para a medida da inteligência nos débeis mentais, cremos ser o indicado para os sujeitos que apresentem àquelas características específicas.

Os resultados mais elevados no teste de Binet-Simon cremos poderem ser explicados pela maior suscetibilidade desta prova a mudanças culturais (3) e conseqüente desatualização da escala utilizada (alguns itens apresentariam uma facilidade maior do que a pretendida pelos autores, o que levantaria artificialmente o nível mental dos sujeitos, na avaliação das respostas) ou pela padronização diferente de cada teste.

No grupo de resultados iguais, a distribuição quanto ao nível sócio-econômico é diametralmente oposta aos outros dois grupos, os quais apresentam distribuições equivalentes (Tabela II)

TABELA II
Distribuição do nível sócio-econômico

	Baixo	Médio	Alto
Result. mais altos no t. de Binet-Simon	52,3%	36,3%	11,3%
Result. mais altos no t. de Goodenough	61 %	27,1%	11,8%
Result. iguais nos dois testes	22,2%	33,3%	44,4%

Estaria a observação de que os sujeitos dêste grupo “falam correntemente”, encontrada em 44,4% dos casos (1,5% e 3,4% respectivamente nos outros grupos) ligada ao alto nível sócio-econômico também encontrado em 44,4% do total de casos (para 11,3% e 11,8% respectivamente)? Em outras palavras, o nível sócio-econômico melhor estaria contribuindo para o desenvolvimento da função verbal, oferecendo para tanto, melhores oportunidades de escolaridade e socialização? São muito poucos os resultados para qualquer observação conclusiva, ficando a sugestão para outros estudos.

Quanto à correlação entre o teste de Machover e a entrevista psicológica e psiquiátrica, dos 50 pares correspondentes e 50 não correspondentes apresentados ao juiz em grupos de 2 pares (1 par de cada), 33 pares foram julgados corretamente, como pertencentes ao mesmo sujeito. O número de correspondências encontrado entre o desenho e a entrevista (33 acertos em 50 acertos possíveis) ainda que bastante elevado, não ultrapassa o

número de acertos esperados ao acaso. Este resultado indica a necessidade de precauções no uso destas técnicas de avaliação da personalidade e a impossibilidade da substituição de uma pela outra. Encontrou o juiz grande dificuldade na sua tarefa, nas suas próprias palavras, por três razões principais: 1.º Semelhança entre as entrevistas e semelhança entre os desenhos (homogeneidade do grupo, portanto dificuldade em diferenciá-lo); 2.º Pouca informação de carácter pessoal nas entrevistas e 3.º Dificuldade inerente à avaliação da técnica de Machover, por se tratar da interpretação de material projetivo.

Na verdade, êstes instrumentos de diagnóstico da personalidade não são substituíveis e sim complementares. Na entrevista encontramos principalmente dados sintomáticos, fatos reais, comportamentos explícitos. Mas encontramos também sugestões de estados inconscientes atuando no comportamento aparente. Segundo Witkin (5, pág. 181), podemos perceber várias “motivações inconscientes” tais como fobias, ansiedade, agressividade e hostilidade reprimidas, etc., no material fornecido pelas entrevistas, mas raramente é possível a “reconstrução do inconsciente” a partir apenas dêsse material. Para êle, esta reconstrução seria possível por um estudo psicanalítico ou por intermédio das técnicas projetivas de investigação, as quais alcançam” níveis mais profundos da personalidade” (5, pág. 182).

Assim, se nas entrevistas temos principalmente a “superfície” da personalidade, na técnica projetiva de Machover, temos os níveis mais profundos ou seja, os desejos reprimidos, os impulsos controlados, as motivações inconscientes; se nas entrevistas encontramos as condições reais de vida do sujeito, os fatos que o levaram ao exame psicológico e os sintomas apresentados, no teste de Machover temos apenas um desenho feito por êsse sujeito, o qual analisado poderá fornecer dados sôbre a sua personalidade aparente, mas fornecerá principalmente aspectos diferentes dos registrados nas entrevistas, aspectos indiretos, inconscientes, implícitos, atuantes, mas não aparentes em um relatório de fatos. Os resultados fornecidos por êstes dois instrumentos não são portanto contraditórios e sim interdependentes, sendo um incompleto sem o outro. Há um campo comum a ambos — a personalidade resultante — e áreas explicativas diferentes, uma abrangida pela entrevista, outra pela prova projetiva.

A grande dificuldade da análise do mecanismo de projeção reside no fato de ser esta uma manifestação indireta da perso-

nalidade, camuflada por diversos outros mecanismos de defesa: compensação, deslocamento, condensação, etc. Segundo V. Bichudo, na análise do desenho encontramos os mesmos mecanismos do sonho. Diz a autora que “no desenho também encontramos conteúdos emocionais mascarados pelos mecanismos mais diversos. Por isso mesmo, porque o desenho não expressa diretamente os conteúdos mais profundos da personalidade, sempre que fazemos do desenho um instrumento de estudo da personalidade da criança, precisamos associar êsse material a outros recursos, como a entrevista” (6, pág. 66).

O estudo de Little e Shneidman “Congruências entre interpretações de testes psicológicos e dados da anamnese” (7) apresenta resultados semelhantes ao nosso e bastante desencorajadores quanto a acôrdos entre diversas fontes de informações sôbre a personalidade. Os autores responsabilizam pelas baixas correlações encontradas, a questionável validade das técnicas projetivas e a “validade e precisão” pessoal dos intérpretes do comportamento traduzido em diagnóstico. Mas êles não verificaram a validade do conjunto de dados, propondo-se a tal em futura pesquisa. Também acreditando na necessidade de aperfeiçoamento dos instrumentos utilizados e em uma maior objetividade nas interpretações (difíceis dada a própria natureza do material indireto, encoberto das projeções), achamos que o caminho para uma solução será encontrado no conjunto dos resultados, quando êstes apoiados um no outro, complementados nas suas partes falhas, reunidos em um todo, sejam então traduzidos em diagnóstico, só podendo ser questionada a validade dêste conjunto.

Quanto à interpretação dos desenhos analisados segundo Machover, encontramos as seguintes características na maioria dos casos: retardamento mental, instabilidade, desorganização da personalidade, infantilidade e imaturidade, pouca compreensão do meio ambiente (sendo que o retardamento mental foi verificado em todos os casos). Encontramos uma escala de desenhos desde extremamente desorganizados, mal organizados até relativamente organizados, apenas deformados, apresentando o mesmo desenho traços típicos das representações gráficas de diferentes idades cronológicas.

Êstes resultados concordam com os encontrados por Krinski (8), segundo o qual “o que existe na oligofrenia é que a criança não progride harmônicamente no desenho”. A característica dêstes desenhos seria a “dificuldade de progressão”, nos

quais encontram-se “ao mesmo tempo, elementos de várias fases evolutivas, revelando uma deficiência intelectual” (8, pág. 37). O autor faz uma diferença entre os desenhos dos que êle chama de oligofrênicos verdadeiros e os dos oligofrênicos sintomáticos, sendo que no desenho dêstes últimos “há perda de configuração praxica com deformação dos engramas, o que dá como consequência um desenho mais ou menos deformado” (8, pág. 88). Infelizmente, por falta de dados nesse sentido, não pudemos estabelecer essa diferenciação.

Portanto, apesar da prova de Machover ter sido utilizada neste trabalho apenas na parte da avaliação da personalidade, por ela ficou também demonstrado, sem exceção, o retardamento mental dos sujeitos. Por outro lado, também Goodenough no seu trabalho (1, pág. 100) não deixou de observar características diferenciais de personalidade (diferenças de sexo) mesmo sendo a sua prova, um instrumento de medida intelectual. Isto demonstra o artificialismo ainda que necessário metodologicamente, desta separação, pois que todos os lados de uma personalidade são partes interdependentes, indivisíveis de um todo e demonstra também o alcance da prova do desenho da figura humana no diagnóstico psicológico da debilidade mental em todos os seus aspectos.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — GOODENOUGH, F. L. — **Test de Inteligencia Infantil**. Editorial Paidós. Buenos Aires, 1951.
- 2 — MACHOVER, K. — **Projeccion de la Personalidad Cultural**, S. A. La Havana, Cuba, 1949.
- 3 — ANASTASI, A. — **Diferencial Psychology**. The Macmillan Company. New York, 1958.
- 4 — MACHOVER, K. — The Body Image in Art Communication. **Journal of Projective Techniques**, Vol. 19, n.º 4, 1955.
- 5 — WITKIN, H. A. and others — **Personality through Perception**. Harper & Brothers Publishers. New York, 1954.
- 6 — BICUDO, V. — Linha, Cór e Espaço no Desenho Infantil. **Boletim de Psicologia**, n.º 21, 22, 23 e 24, Set., Dez., 1954, Março, Junho, 1955.
- 7 — LITTLE K. and SHNEIDMAN, E. — Congruencies among Interpretations of Psychological Test and Anamnestic Data. **Psych. Monogr.**, Vol. 73, n.º 476, 1959.
- 8 — KRYNSKI, S. — O Desenho nas Crianças Portadoras de Distúrbios Neuro-Psíquicos. **Boletim de Psicologia**, n.ºs 21, 22, 23 e 24, Set., Dez., 1954, Março, Junho, 1955.

SUMARIO

Nesta pesquisa buscamos conhecer as possibilidades do desenho da figura humana como medida de inteligência e diagnóstico de personalidade em crianças débeis mentais.

Constaram do plano de trabalho, duas diferentes partes: 1.º) A correlação entre o teste de Goodenough e o de Binet-Simon, para a avaliação do nível mental; 2.º) A correlação da prova de Machover com uma entrevista psicológica e psiquiátrica para um diagnóstico de personalidade.

Serviram como sujeitos 200 crianças previamente selecionadas como débeis mentais pela Secção de Higiene Mental do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Estes sujeitos foram escolhidos ao acaso entre 800 débeis mentais que formavam então a população total dessa Secção e divididos em dois grupos de 100 sujeitos para cada correlação.

Na avaliação do nível mental, os resultados foram os seguintes:

1.º) Verificou-se, através do coeficiente de correlação de Pearson, a correlação positiva de 0,62, significativa além do nível de 0,005, entre o teste de Binet-Simon e o de Goodenough.

Em uma tentativa de compreensão dos resultados, os quais ainda que a correlação tenha sido positiva e significativa, foram geralmente mais altos no teste de Binet-Simon, observamos que:

a) As crianças tímidas e com dificuldade de expressão apresentam melhor performance no teste de Goodenough.

b) As crianças que foram melhor no teste de Binet-Simon, apresentam uma grande variedade de características de personalidade, não formando um grupo típico.

c) As crianças que obtiveram o mesmo resultado nos dois testes, diferem das outras especialmente pelo nível sócio-econômico bastante mais elevado.

Quanto aos resultados da correlação entre o teste de Machover e a entrevista psicológica e psiquiátrica, a qual foi estabelecida por um julgamento de correspondência entre essas duas medidas de personalidade:

1.º) Verificou-se um acôrdo alto mas que não ultrapassou o número esperado ao acaso (33 acertos em 50 acertos possíveis) na apresentação ocasional a um juiz competente, de 2 pares de resultados cada vez.

Pensamos ter encontrado êste acôrdo dada a natureza complementar destas medidas de avaliação da personalidade, as quais não são necessàriamente equivalentes e portanto substituíveis.

2.º) Na interpretação dos desenhos segundo Machover foram encontradas as seguintes características: retardamento mental (em todos os casos), instabilidade, desorganização da personalidade, infantilidade, imaturidade e pouca compreensão do meio ambiente (na maioria dos casos).

Verificou-se durante todo o trabalho, o artificialismo da separação, ainda que necessária metodològicamente entre inteligência e personalidade, pois tanto uma como outra fazem parte de uma unidade indivisível. A inteligência pôde ser observada nas provas de personalidade e esta, nas de inteligência.

RESUMÉ

Nous avons cherché, dans ce travail, à connaître les possibilités offertes par le dessin de la figure humaine, comme mesure de l'intelligence et diagnostic de la personnalité chez des enfants débiles.

Le plan de recherche comprend deux parties distinctes: 1.º) La corrélation entre le test de GOODENOUGH e celui de BINET-SIMON pour la détermination du niveau mental. 2.º) La corrélation de l'épreuve de MACHOVER et d'une interview psychologique et psychiatrique pour le diagnostic de personnalité.

On a pris comme sujets 200 enfants préalablement sélectionnés comme débiles mentaux par la Section d'hygiène mentale du Service de Santé scolaire du Département de l'éducation de l'Etat de São Paulo. Ses sujets ont été pris au hasard parmi 800 débiles mentaux qui formaient alors la population totale de cette Section, et divisés en deux groupes de 100 sujets pour chaque corrélation.

Dans la détermination du niveau mental, les résultats ont été les suivants:

1.º) On a trouvé, entre le BINET-SIMON et le GOODENOUGH, un coefficient de Pearson positif égal à 0,62, significatif au niveau 0,005.

En essayant d'interpréter les résultats, qui, bien que la corrélation ait été positive et significative, furent généralement plus élevés pour le BINET-SIMON, nous avons observé que:

a) Les enfants timides et présentant des difficultés d'expression fournissent de meilleures performances au GOODE-NOUGH.

b) Les enfants qui ont mieux réussi au BINET-SIMON présentent une grande variété de caractéristiques de personnalité et ne forment pas un groupe typique.

c) Les enfants qui ont obtenu les mêmes résultats aux deux tests se distinguent des autres surtout par leur niveau socio-économique notablement plus élevé.

Quant aux résultats de la corrélation entre le MACHOVER et l'interview psychologique et psychiatrique, corrélation établie en jugeant la correspondance entre ces deux mesures de personnalité:

1.°) On a constaté un accord important, mais ne dépassant pas ce qu'on pouvait attendre du hasard (33 concordances sur 50 possibles), dans la présentation occasionnelle à un juge compétent de chaque fois deux paires de résultats.

Nous pensons que cet accord vient de la nature complémentaire de ces déterminations de mesure de personnalité, qui ne sont pas nécessairement équivalentes et ne sont donc pas substituables.

2.°) Dans l'interprétation des dessins selon MACHOVER, on a trouvé les caractères suivants: retard mental (dans tous les cas), instabilité, désorganisation de la personnalité, infantilisme, immaturité, et faible compréhension du milieu ambiant (dans la plupart des cas).

On a vérifié durant cette recherche le caractère artificiel de la séparation pourtant méthodologiquement nécessaire entre intelligence et personnalité, car aussi bien l'une que l'autre font partie d'une unité invisible. L'intelligence se manifeste dans les épreuves de personnalité, et cette dernière dans les épreuves d'intelligence.

SUMMARY

The purpose of this investigation was to examine the possibilities of the drawing of the human figure in measuring intelligence and diagnosing personality.

With this aim in mind we divided the investigation in two different parts:

1.º Confronting measures of intelligence (Goodenough's test and Binet-Simon's test).

2.º Confronting diagnosis of personality (Machover's test and a psychological interview).

200 children previously selected as feeble-minded by the "Secção de Higiene Mental do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação", state of São Paulo, have been used as subjects. This children were a random sample from the total number of 800.

We have found the following results:

1.º Using Pearson's correlation coefficient we found the positive correlation of 0.62 significant beyond the 0.005 level, between the Goodenough's test and the Binet-Simon's test.

But the results though positively correlated, were higher in the Binet-Simon's test. Trying to understand these results, we found that:

1.º Children who were shy and had difficulty in expressing themselves, presented better performances in the Goodenough's test.

2.º Children with better scores in the Binet-Simon's test did not form a homogeneous group and presented a great variety of characteristics.

3.º Children with equal scores in both tests were different from the others specially by their high social-economic background.

The results between Machover's test and the psychological interview are:

1.º A high agreement but not higher than the expected by chance (33 agreements in 50 possible ones).

2.º Following Machover's methods in analysing the drawings, we have found that all children presented mental deficiency and that most of them presented instability, immaturity, a disorganized personality and a poor understanding of the environment.

The separation between intelligence and personality was necessary from the point of view of methodology but false and artificial, for we have found personality traits in the intelligence test and characteristics of intelligence in the personality test.

BOLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA
DE PSICOLOGIA

- N.º 1 — Otto Klineberg, **Introdução a Psicologia Social**, 1946 (esgotado).
- N.º 2 — Annita de Castilho e Marcondes Cabral, **O Conflito dos Resultados dos Experimentos sobre a Memória de Formas**, 1946.
- N.º 3 — 1) Annita de Castilho e Marcondes Cabral. **A Psicologia no Brasil**;
- 2) Carolina Martuscelli, **Uma pesquisa sobre aceitação de grupos nacionais, "raciais" e regionais, em São Paulo**;
- 3) Maria da Penha Pompeu de Toledo, **Ensaio de elaboração de uma técnica para o estudo psicanalítico quantificado de documentos pessoais e protocolos de testes projetivos**;
- 4) Dante Moreira Leite, **Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros**;
- 5) Dante Moreira Leite, **Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros**; 1950.
- N.º 4 — F. J. Urban, **Métodos Estatísticos em Psicologia**, 1952.
- N.º 5 — Maria da Penha Pompeu de Toledo, **Estudo Psicanalítico Quantificado de Dez Contos Infantis Tradicionais**, 1958.
- N.º 6 — Carolina Martuscelli, **Os Experimentos de Interrupção de Tarefas e a teoria de Motivação de Kurt Lewin**, 1958.
- N.º 7 — Dante Moreira Leite, **Caráter Nacional Brasileiro**, 1959.

COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

1961

